

PLANETA ainda mais QUENTE

Previsões da Organização Meteorológica Mundial indicam que, nos próximos cinco anos, novos recordes de temperatura serão quebrados. Especialistas garantem que o Acordo de Paris não está ameaçado, mas pedem ações urgentes

» PALOMA OLIVETO

O planeta está no caminho de novos recordes de calor nos cinco próximos anos, segundo um relatório divulgado pela Organização Meteorológica Mundial (OMM). A análise mais recente das tendências climáticas globais indica uma probabilidade de 80% de que ao menos um dos períodos de 2025 e 2029 supere 2024 como o mais quente já registrado.

O documento faz um alerta sobre a Amazônia: a maior floresta tropical do mundo deve enfrentar condições mais secas do que a média histórica durante os próximos cinco anos, especialmente entre maio e setembro — período que normalmente concentra os maiores volumes de chuva em diversas áreas da região. A previsão de estiagem prolongada está associada, segundo a OMM, tanto pelo aquecimento da superfície da Terra quanto por fenômenos como o El Niño.

O relatório também indica uma chance de 86% de que pelo menos um desses anos ultrapasse a marca simbólica de 1,5°C acima da média da era pré-industrial (1850 – 1900). Esse é o limite estabelecido no Acordo de Paris para evitar impactos catastróficos no planeta. Embora o aquecimento de longo prazo — a média de várias décadas — ainda esteja abaixo desse valor, os dados apontam para uma tendência alarmante.

Em relação à média do período 2025 – 2029, a probabilidade de que a temperatura global exceda os 1,5°C já chega a 70%, um salto significativo em comparação aos 47% estimados no relatório anterior, que cobria os anos de 2024 a 2028. Os efeitos do aquecimento global são sentidos de forma desproporcional em diferentes partes do planeta, destaca a OMM.

Marcello Nicolato/Divulgação



Amazônia Legal

Ártico

O Ártico, por exemplo, deve continuar aquecendo em ritmo acelerado. A OMM projeta um aumento de 2,4°C nas temperaturas médias dos invernos (de novembro a março) da região, em relação à média do período de 1991 a 2020. A tendência deve contribuir para uma redução ainda maior na concentração de gelo marinho nos mares de Barents, Bering e de Okhotsk.

O relatório também traz previsões sobre os padrões de precipitação. De maio a setembro entre 2025 e 2029, espera-se que algumas regiões fiquem mais úmidas do que a média histórica, como o Sahel (na África), o norte da Europa, o Alasca e o norte da Sibéria. Na Ásia Meridional, as projeções indicam uma continuidade dos anos mais úmidos, mantendo a

Palavra de especialista

Tendência inevitável

“Um único ano globalmente registrar 1,5°C a mais do que os níveis pré-industriais não significa que ultrapassamos o limite do Acordo Climático de Paris, mas significa que ultrapassar esse nível perigoso é praticamente inevitável. O limite decidido no Acordo Climático de Paris aplica-se à temperatura da superfície global, calculada em média ao longo de várias décadas, portanto, um

tendência observada nos últimos anos — com exceção de 2023, que apresentou comportamento atípico.

A OMM alerta que o nível atual de aquecimento já impulsiona ondas de calor mais

único ano não significa que ultrapassamos esse nível perigoso. Mas, dado que o aquecimento global está se acelerando, é quase certo que ultrapassar mais vezes o limite será inevitável sem uma mudança radical nos esforços para reduzir os gases de efeito estufa.”

Richard Allan, Professor de Ciência do Clima da Universidade de Reading, no Reino Unido

Porém, o organismo das Nações Unidas ressalta que as previsões não significam uma condenação do limite de 1,5°C do Acordo de Paris, que é baseado em médias de longo prazo. No entanto, o fato de a Terra estar se aproximando com tanta frequência e intensidade desse patamar é motivo de preocupação.

“As chances crescentes de ultrapassarmos temporariamente o limite de 1,5°C são um alerta de que estamos nos afastando dos compromissos assumidos para conter o aquecimento global”, disse, em uma coletiva de imprensa, a secretária-geral da OMM, Celeste Saulo. Saulo reforçou o apelo por “ações urgentes e eficazes para mitigar as emissões de gases de efeito estufa, promover a transição energética e ampliar a resiliência das comunidades já estão em curso”.

Principais previsões para 2025 – 2029

- » Há 80% de chance de que pelo menos um dos próximos cinco anos supere 2024 como o ano mais quente já registrado.
 - » Há 86% de probabilidade de que pelo menos um desses anos fique 1,5°C acima da média pré-industrial (1850 – 1900).
 - » A chance de que a média de aquecimento no período 2025–2029 exceda 1,5°C é de 70%, um aumento significativo em relação aos 47% previstos no relatório anterior para 2024 – 2028.
 - » O aquecimento de longo prazo (média de várias décadas) permanece abaixo de 1,5°C, conforme estipulado no Acordo de Paris.
 - » O Ártico deve continuar aquecendo mais rapidamente que a média global, com previsão de aumento de 2,4°C acima da média de 1991 – 2020 nos próximos cinco invernos (novembro a março).
 - » Espera-se uma redução adicional na concentração de gelo marinho em áreas como os mares de Barents, Bering e de Okhotsk.
 - » Padrões de precipitação previstos para maio a setembro de 2025 – 2029 indicam condições mais úmidas que a média no Sahel, norte da Europa, Alasca e norte da Sibéria, e condições mais secas que a média na Amazônia.
 - » A previsão também sugere que a região do sul da Ásia continuará experimentando anos mais úmidos que a média, com exceção de 2023.
- Fonte: Organização Meteorológica Mundial (OMM)

Daniel Friess, Tulane University/Divulgação



Existência do ecossistema depende de um conjunto de condições ambientais

Manguezais ameaçados por El Niño

Os padrões climáticos associados aos fenômenos El Niño e La Niña afetam quase metade das florestas de manguezais do mundo, segundo um estudo liderado por pesquisadores da Universidade de Tulane e publicado na revista *Nature Geoscience*. A pesquisa ressalta a vulnerabilidade às mudanças climáticas desses ecossistemas costeiros vitais.

A pesquisa baseia-se em quase duas décadas de dados de satélite, de 2001 a 2020, e é a primeira a demonstrar padrões em escala global de como o El Niño-Oscilação Sul

(Enos é a sigla utilizada do fenômeno) influencia o crescimento e a degradação dos manguezais. Esses ecossistemas são arbustos ou árvores que crescem em matagais denso, principalmente em águas costeiras salinas ou salobras.

Anteriormente, os impactos haviam sido documentados localmente, como a drástica mortalidade no norte da Austrália em 2015, quando mais de 40 milhões de árvores de manguezais pereceram ao longo de um trecho de 1.930 quilômetros de litoral. “Queríamos saber se esses

eventos eram isolados ou parte de um padrão mais amplo”, disse o autor principal, Zhen Zhang. “Nossas descobertas confirmam que o Enos tem efeitos recorrentes e em larga escala nos ecossistemas de manguezais em todo o mundo.”

Inundações

O El Niño é um padrão climático de mudanças de temperatura e ventos no Oceano Pacífico que afetam o clima global. O fenômeno traz águas quentes para

o Pacífico oriental. Já o La Niña leva águas frias para lá. Essas alterações interrompem as chuvas, tempestades e temperaturas em todo o mundo, causando inundações, secas e mudanças na atividade de furacões.

Professor de ciências da terra e do meio ambiente da Universidade de Tulane, Daniel Friess, coautor do estudo, afirmou que as florestas de manguezais fornecem serviços essenciais para centenas de milhões de pessoas em todo o mundo, incluindo proteção contra tempestades, armazenamento de

carbono e apoio à pesca. Mas sua existência depende de um conjunto restrito de condições ambientais, tornando-as particularmente sensíveis a variações climáticas.

“Os manguezais são um dos ecossistemas mais valiosos do planeta, mas existem em um delicado equilíbrio com o meio ambiente”, disse Friess. “Uma melhor compreensão de como esse habitat único é influenciado pelas mudanças climáticas nos ajudará a conservá-lo e restaurá-lo, ao mesmo tempo em que apoiamos as comunidades costeiras que dependem dele.”

MUNDO ANIMAL

Gatos reconhecem humanos pelo olfato

Gatos passam mais tempo cheirando um estranho do que o de seu tutor, sugerindo que eles podem identificar humanos familiares apenas com base no olfato, segundo um estudo publicado na revista *Plos One* por pesquisadores da Universidade de Agricultura de Tóquio, no Japão. Outra descoberta da pesquisa é a de que os felinos domésticos podem usar diferentes hemisférios do cérebro para diferentes tarefas — um fenômeno que já foi demonstrado em outros animais, incluindo cães, peixes e pássaros.

Os gatos usam o olfato para identificar outros animais da espécie e

se comunicar entre si, mas se eles também podem usar o olfato para distinguir entre diferentes humanos ainda não havia sido estudado. Os pesquisadores japoneses testaram 30 felinos domésticos, apresentando a eles tubos plásticos contendo cotonetes que haviam sido esfregados sob a axila, atrás da orelha e entre os dedos dos pés de seu tutor ou de uma pessoa com a qual nunca haviam tido contato.

Os gatos passaram significativamente mais tempo cheirando odores desconhecidos do que os do tutor. Os pesquisadores também descobriram que, inicialmente, os

animais eram mais propensos a usar a narina direita quando não conheciam o cheiro, mas mudavam para a esquerda à medida que se familiarizavam.

Personalidade

Os tutores participantes também foram convidados a preencher um questionário online para avaliar a personalidade dos animais. Os espécimes machos descritos como “neuróticos” tendiam a cheirar cada tubo repetidamente, enquanto aqueles mais tranquilos exploravam os odores com mais

calma. No entanto, entre as fêmeas não houve diferença.

“Sugerimos que os gatos utilizem o olfato para o reconhecimento de humanos. Além disso, registramos o comportamento característico de esfregar (marcar) após cheirar, indicando que cheirar pode ser um comportamento exploratório que precede a esfregação do odor (marcar) em gatos”, escreveram os autores. “Essa relação justifica uma investigação mais aprofundada, juntamente com a teoria de se os gatos são capazes de reconhecer uma pessoa específica a partir de pistas olfativas.”

Pixabay/Divulgação



Felinos, a exemplo dos cães, usam diferentes hemisférios do cérebro conforme a tarefa